



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM QUÍMICA**

QUETURA CATHERINE DANTAS MOURA ALCÂNTARA

**ENSINO DE QUÍMICA NA EJA: UM RELATO DAS CONCEPÇÕES E
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB.**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

QUETURA CATHERINE DANTAS MOURA MOURA ALCÂNTARA

**ENSINO DE QUÍMICA NA EJA: UM RELATO DAS CONCEPÇÕES E
EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Química da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Química.

Orientador: Msc.Thiago Pereira da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A353e Alcântara, Quetura Catherine Dantas Moura.
Ensino de química na EJA [manuscrito] : um relato das concepções e experiências vivenciadas por professores de uma Escola Pública do Município de Campina Grande-PB / Quetura Catherine Dantas Moura Alcântara. - 2015.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Química) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2015.

"Orientação: Prof. Me. Thiago Pereira da Silva, Departamento de química".

1. Ensino de Química. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Professores de química. I. Título.

21. ed. CDD 374

QUETURA CATHERINE DANTAS MOURA MOURA ALCÂNTARA

ENSINO DE QUÍMICA NA EJA: UM RELATO DAS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE-PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em Química da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Química.

Aprovada em: 11 / 12 / 15

Thiago Pereira da Silva

Prof^oMsc..Thiago Pereira da Silva- UEPB-CCT-DQ

Orientador

Gilberlândio Nunes da Silva

Prof^oMsc. Gilberlândio Nunes da Silva- UEPB-CCT-DQ

Examinador

Soraya Alves de Moraes

Prof.Dra Soraya Alves de Moraes- UEPB-CCT-DQ

Examinadora

Campina Grande

2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, ao meu esposo e minha mãe.

Aos professores, em especial, meu orientador de TCC, o professor Thiago Pereira da Silva, pela perseverança e confiança depositados a minha pessoa.

Ao meu amigo Maikon Bruno que sempre me ajudou e me deu forças para acreditar que eu podia superar todos os obstáculos e a minha amiga Josineide por compartilhar horas de estudo e dedicação ao curso.

A banca examinadora por todas as contribuições a este trabalho de pesquisa.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade da Educação Básica desenvolvida nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, que tem como objetivo oferecer oportunidade de estudos às pessoas que não tiveram acesso ou continuidade desse ensino na faixa etária ideal, assim como, prepará-los para o mercado de trabalho e o pleno exercício da cidadania. A oferta de cursos aos jovens e adultos proporciona oportunidade educacional apropriada, considerando as características do aluno, seus interesses, condição de vida e trabalho. Entender como tem ocorrido o trabalho com esta modalidade de ensino é de extrema importância para se diagnosticar as potencialidades e os problemas do processo educacional. Neste sentido, este trabalho de pesquisa tem como objetivo de descrever quais as concepções e experiências apresentadas por professores de Química no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do Município de Campina Grande-PB. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa. O público alvo foram três professores de Química que ensinam nesta modalidade. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado os questionários direcionados aos professores. As perguntas de múltipla escolha foram expressas em gráficos e as questões abertas foram categorizadas a partir dos pressupostos teóricos da análise de conteúdo de Bardin. Os dados foram interpretados e analisados à luz do referencial teórico da área. Os resultados relatam que os professores apresentam algumas limitações no trabalho com esta modalidade de ensino, apresentando dificuldades referentes à carga horária reduzida das aulas, a falta de material específico e a redução dos conteúdos. Como aspectos positivos eles revelam que há uma troca de experiência com os alunos, existe uma boa relação entre professor-aluno, como também motivação e interesse nas aulas. Outros aspectos foram citados pelos professores como limitação, entre elas a falta de formação para o trabalho com esta modalidade de ensino, bem como ausência de tratamento contextualizado dos conteúdos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Química; EJA; Concepções; Experiências; Professores

ABSTRACT

The Youth and Adult Education - EJA is a Basic Education modality developed in the stages of primary and secondary education, which aims to provide research opportunities to people who did not have access or continuity of education in the ideal age group, as well as prepare them for the labor market and the full exercise of citizenship. The offer courses for young people and adults provides appropriate educational opportunity, considering the characteristics of the student, their interests, living conditions and work. Understanding how has been working with this type of education is of utmost importance to diagnose the potential and problems of the educational process. In this sense, this research aims to describe what concepts and experiences presented by chemistry teachers in working with the Youth and Adult Education in a public school in the city of Campina Grande-PB. It is a case study of a qualitative nature. The target audience were three chemistry teachers who teach in this mode. As data collection instrument was used questionnaires addressed to teachers. The multiple-choice questions were expressed in graphics and open questions were categorized based on theoretical assumptions of Bardin content analysis. The data were interpreted and analyzed in the light of the theoretical framework of the area. The results report that teachers have some limitations in working with this type of education, with difficulties related to the reduced hours of classes, the lack of specific material and reducing content. On the positive side they reveal that there is an exchange of experience with students, there is a good relationship between teacher and student, as well as motivation and interest in class. Other aspects were cited by teachers as limitations, including the lack of training to work with this type of education, and lack of treatment contextualized content.

KEYWORDS: Teaching of Chemistry; Adult education; Conceptions; Experiences; Teachers

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	OBJETIVOS.....	9
1.1.1	Objetivo Geral.....	9
1.1.2	Objetivos Específicos.....	9
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1	UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL.....	10
2.2	ENSINO DE QUÍMICA E SUAS PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	13
2.3	O ENSINO NA MODALIDADE EJA.....	16
2.3.1	Um breve resgate histórico.....	16
2.3.2	O Ensino da EJA e os documentos referenciais curriculares.....	19
2.3.3	Formação de Professores para o trabalho com a EJA	21
2.4	DIFICULDADES APRESENTADAS PELOS PROFESSORES NO TRABALHO COM A EJA.....	23
3.	METODOLOGIA.....	26
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
6.	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICES.....	

1. INTRODUÇÃO

A educação é um dos únicos caminhos para construção de uma sociedade sem preconceitos e mais inclusiva, onde todos, independente de suas diferenças, tenham o direito de inserir-se e exercer seu papel na sociedade. Ela não é preparação nem conformidade. Educação é vida, e viver, é desenvolver é crescer (DEWEY, 1971 *apud* NOÉ, 2000).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) surgiu como proposta de erradicação do analfabetismo na década de 30. Nesta época aproveitava-se da idéia para ampliar bases políticas e o setor industrial, já que a EJA traria em um curto espaço de tempo mão de obra “qualificada” para o trabalho.

Comparando a EJA do passado com a dos dias atuais, podemos constatar uma transformação considerável em suas orientações, objetivos e diretrizes que definem critérios a serem estabelecidos no território nacional. Mas para que isso acontecesse foi necessário que houvesse um novo olhar para o ensino da EJA a partir da inclusão de um novo método pedagógico. Nessa discussão, surge o educador Paulo Freire, que trouxe uma nova visão do que poderia ser a alfabetização de jovens e adultos utilizando novas técnicas de ensino, com objetivo de minimizar o método tradicional muito comum nas escolas. A partir do pensamento pedagógico de Freire, vários programas de erradicação do analfabetismo foram criados e todos eles seguiam a pedagogia de ensino buscando valorizar o conhecimento sócio histórico cultural dos indivíduos.

A EJA até os dias atuais vem passando por processos muitas vezes não desejados, devido a vários fatores que acabam impedindo que esta modalidade de ensino ocorra efetivamente. Uma das dificuldades enfrentadas pelo sistema de ensino bem como pelos docentes é a evasão escolar, fator esse que não depende só do professor, mas sim da comunidade escolar como um todo. O sistema de ensino deixa a desejar no que diz respeito a estruturação curricular e a valorização da formação docente para o trabalho com a EJA.

Além destes fatores mencionados, muitos são os desafios enfrentados pelos docentes, que tem relação com a sua formação inicial para o trabalho com esta modalidade de ensino. As Diretrizes Curriculares para o Ensino da EJA, destaca que os docentes devem buscar qualificação para atuar na EJA, no entanto as políticas

públicas para o trabalho docente não apresentam condições necessárias para que isso ocorra efetivamente na prática.

O ensino de Química a partir da EJA contribui bastante para o desenvolvimento e formação do caráter sócio-educacional do educando. No entanto, é um desafio para o educador ensinar Química para esses alunos. Na maioria das vezes os alunos iniciam na EJA com pouco conhecimento do que a Química representa e sua importância no dia a dia. Muitos consideram a disciplina complicada e não se acham capazes de aprender. Neste sentido, o professor precisa realizar um trabalho diferenciado, para tentar romper com visões distorcidas que o aluno apresenta sobre a Química, buscando trabalhar situações cotidianas que permitam reflexões e questionamentos em aula.

No que se refere ao processo de formação inicial, observa-se que pouco se discute sobre essa modalidade de ensino nos cursos de licenciatura, pouco se pesquisa, pouco se debate sobre como se trabalhar com estes sujeitos. Neste sentido, observa-se que esses fatores dificultam para que o futuro professor saia do espaço acadêmico com uma formação sólida para se trabalhar com esse público alvo.

Além dessas dificuldades mencionadas, outra questão colocada em pauta, são os conteúdos programáticos que acabam sendo reduzidos devido ao tempo que é curto, o que deixa os professores muitas vezes frustrados por não conseguirem passar todo o conteúdo necessário para formação dos sujeitos e estes por sua vez acabam saindo prejudicados por não terem acesso a todos os conhecimentos necessários para a sua formação cidadã. A EJA exige um olhar diferenciado e na disciplina de Química é preciso que os professores trabalhem contextualizando os conteúdos, trazendo sempre a vivência do dia-a-dia desses alunos para sala de aula. Isso torna-se um grande desafio para o educador: trabalhar os conceitos a partir de situações concretas que possibilitem um melhor entendimento da disciplina de Química.

Diante desta realidade, o presente trabalho de pesquisa buscará respostas que atendam as seguintes questões em estudo: Como vem sendo trabalhado o Ensino de Química na EJA em uma escola pública do Município de Campina Grande-PB? Quais as potencialidades e limitações para o trabalho com a EJA na visão dos professores? Estes sujeitos receberam formação inicial e continuada necessária para executar o trabalho com a EJA?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1. Objetivo Geral

Descrever quais as concepções e experiências apresentadas por professores de Química no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do Município de Campina Grande-PB.

1.1.2. Objetivos Específicos

- Diagnosticar se os professores receberam formação necessária para trabalhar com esta modalidade de ensino;
- Levantar como ocorre o planejamento para o trabalho com a EJA na escola;
- Descrever as potencialidades e limitações que os professores encontram no trabalho com a EJA.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM BREVE RESGATE HISTÓRICO DO ENSINO DE CIÊNCIAS NO BRASIL

Segundo Nardiet.al (2011), a iniciação do aprendizado em ciências no Brasil se deu no início do século XIX pela família real portuguesa no Rio de Janeiro, dirigida por D. João VI, sendo introduzida no currículo das escolas brasileiras em 1961 na forma de “introdução a ciência”.

Nesse sentido, a vinda da família real para o Brasil trouxe a emissão de uma série de decretos, alvarás, leis, que direto ou indiretamente contribuíram para iniciação de atividades relacionadas à ciência no país.

Hoje o ensino de ciências como a Química, Física e Biologia ocupam lugar de destaque nos currículos escolares, devido a grandes conquistas em avanços sociais principalmente pelo desenvolvimento científico.

Ainda voltado para o estudo das línguas clássicas e matemática, no início do século passado o ensino de ciências foi inserido na escola. Naquela época os conceitos existentes sobre ciência se dividiam segundo Layton (1973) *apud* Nardiet.al (2011) em dois pensamentos: os que diziam que a ciência só serviria para ajudar na resolução de problemas voltados para o dia a dia e os que achavam que a ciência deveria ser incluída como objeto de estudo na ciência acadêmica, tendo como objetivo a formação de futuros cientistas, sendo este segundo pensamento o que prevaleceu.

Segundo Canavarro (1999) *apud* Nardietal (2011):

O reconhecimento da ciência por parte da sociedade se deu segundo a ação dos cientistas que se comprometeram em incentivar “nova forma de conhecimento, baseada esta na observação e racionalidade, voltada para a explicação da natureza, sem entrar em domínios como a religião ou a política, temas que estariam excluídos do empenho da ciência.” (CANAVARRO, 1999 *apud* NARDI *et al*, 2011, p.91).

A partir deste reconhecimento é que se estabeleceu uma ciência profissionalizante que foi de grande valia para a Revolução Industrial com grande importância na economia da sociedade introduzindo a ciência como disciplina e criando unidades escolares autônomas nas áreas de ciências profissionalizando os indivíduos para o ensino. (CANAVARRO 1999 *apud* NARDI 2011).

Houve uma reestruturação dos currículos onde foram diminuídos alguns temas da ciência para poder trabalhar também no laboratório. Entre as décadas de 50 e 60, a ciência já havia consolidado seu lugar entre a sociedade, sendo ela precursora de vários movimentos de transformação de ensino .

Nos anos 60, a guerra fria foi um fator que marcou a história do ensino da ciência que teve origem com os Estados Unidos e a União Soviética no que chamamos de “batalha” espacial com as competições tecnológicas, querendo um ter mais avanços tecnológicos que o outro. Os americanos partiram para uma reformulação de seus currículos surgindo projetos como o PSSC – Physical Science Study Committee, o BSCS – Biological Science Curriculum Study e o ESCP – Earth Science Curriculum Project, dentre vários outros. Paralelamente, na Inglaterra, a insatisfação dos professores de Ciências também acabou pressionando por reformas, cujo resultado foi o surgimento do Nuffield Foundation’s Science Teaching Project, com forte influência de pesquisadores universitários (BLACK, 1993 *apud* NARDI *et al*, p.92).

Daí foram surgindo vários projetos educacionais estruturando o ensino das ciências de maneira lógica, levando os estudantes a raciocinar como verdadeiros cientistas o que foi considerado como uma grande renovação na educação em ciências. Dessa forma ainda receberam muitas críticas relacionadas a estes projetos, levantando questões como: a educação dando privilégio a aplicabilidade tecnológica não causaria um certo distanciamento das questões sociais?

O Brasil teve um certo avanço nas áreas da ciência entre as décadas de 50 a 60 após avaliarem que os projetos elaborados nos países estrangeiros como o PSSC – Physical Science Study, na área de Física e o BSCS – Biological Science Study Committee, na área de Biologia Committee não estavam adequados a realidade escolar brasileira. Ainda em 1950 o Brasil criou o IBCEC – Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura em favor de uma melhoria no ensino de ciências se voltando para atualização dos conteúdos e trabalhos em laboratórios.

Em 1961 foi implantada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inserindo no currículo a “introdução a ciência” aumentando as cargas horárias de disciplinas como Física, Química e Biologia no curso colegial, dando ao Estado parte da responsabilidade da normatização do ensino. Foram criados ainda seis Centros de Ciências entre 1963 e 1965, foram eles: O Cecisp - em São Paulo; o Cecigua – no antigo Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro; o Cecine – no Nordeste; o Cecimig

– em Minas Gerais; e o Cecirs, no Rio Grande do Sul.(KRASILCHIK, 1986*apud*NARDI *et al*,2011)

Em 1970 surgiram vários grupos de ensino como Instituto de Física da USP, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de Ensino de Matemática na Universidade Federal de Pernambuco que contribuiu para o desenvolvimento e melhoria do ensino de ciências e matemática no País.Com o apoio da CAPES em 1980 o ensino de ciências no Brasil tornou-se uma importante área acadêmica. Em 1997 em decorrência do crescimento da área no ensino de ciências foi criada a Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, a ABRAPEC, mais de vinte programas de mestrado e doutorado foram implantados na área de ciências o que foi decisivo para a instalação na CAPES no ano de 2000 como também o acervo de Teses e Dissertações sobre Ensino de Ciências do CEDOC – Centro de Documentação sobre o Ensino de Ciências, junto ao Grupo Formar-Ciências da Faculdade de Educação da UNICAMP (NARDI,2011).

A área de Ensino de Ciências vem avançando muito nos dias atuais através das pesquisas desenvolvidas pela comunidade científica, o que gerou o aumento do número de pós- graduações no País em Ensino de Ciências no nível de Mestrado e Doutorado, contribuindo significativamente para expansão das pesquisas e na formação de professores para o trabalho docente no contexto da Educação Básica.

O ensino de ciências contribui hoje no desenvolvimento do aluno para que ele possa compreender seu lugar como indivíduo e cidadão, utilizando conhecimentos de natureza científica e tecnológica.(BRASIL ,1997).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais(1999) o ensino de ciências naturais se organiza de maneira que no término do Ensino Fundamental os alunos possam:

- Compreender a natureza como um todo dinâmico, sendo o ser humano parte integrante e agente de transformações do mundo em que vive;
- Identificar relações entre conhecimento científico, produção de tecnologia e condições de vida, no mundo de hoje e em sua evolução histórica;
- Formular questões, diagnosticar e propor soluções para problemas reais a partir de elementos das Ciências Naturais,colocando em prática conceitos, procedimentos e atitudes desenvolvidos no aprendizado escolar;

- Saber utilizar conceitos científicos básicos, associados a energia, matéria, transformação, espaço, tempo, sistema, equilíbrio e vida;
- Saber combinar leituras, observações, experimentações, registros, etc., organização, comunicação e discussão de fatos e informações;
- Valorizar o trabalho em grupo, sendo capaz de ação crítica e cooperativa para a construção coletiva do conhecimento;
- Compreender a saúde como bem individual e comum que deve ser promovido pela ação coletiva;
- Compreender a tecnologia como meio para suprir necessidades humanas, distinguindo usos corretos e necessários daqueles prejudiciais ao equilíbrio da natureza e ao homem.

Nesse sentido, os objetivos do Ministério da Educação e do Desporto, ao firmar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. A escola deverá estimular o aluno a questionar, criticar, pesquisar estando sempre informado do porquê e para que estudar determinado assunto e como lhe servirá determinado conhecimento dando mais significado ao que está estudando. (BRASIL, 1999).

Dentro das Ciências Naturais, a Química se configura como uma disciplina que contribui para a formação científica dos sujeitos, tendo esta um papel importante no processo educacional, que é de promover a alfabetização científica a partir de um ensino participativo, crítico, reflexivo, construtivo e humano. A seguir será apresentado as concepções que regem o Ensino de Química no contexto dos dias atuais, destacando as suas perspectivas para a formação de indivíduos na educação básica.

2.2 O ENSINO DE QUÍMICA E SUAS PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Química como qualquer outra área da ciência necessita de um olhar diferenciado na maneira de transmiti-la e desenvolvê-la para o aluno. Considerada uma das disciplinas mais difíceis de entender, o ensino de Química de certa forma

vem ganhando espaço ao se incorporar novas metodologias de ensino com objetivo de compreendê-la a partir de uma perspectiva contextualizada, fugindo daquele modelo onde o conhecimento científico é apresentado de maneira ‘pronta’ e ‘acabada’ a partir de uma metodologia baseada no modelo transmissão recepção. Nos dias atuais o que se vê muito nas escolas de ensino Fundamental e Médio como também nas Universidades é o ensino de Química seguindo uma ordem sistemática, com métodos de ensino bastante tradicionais voltados para memorização onde o senso crítico e o conhecimento sociocultural não são trabalhados no processo de construção do conhecimento. (HENNIG, 1994 *apud* LIMA, 2012).

Muito se fala em ensinar o conteúdo de Química com um intuito primordial de desenvolver no aluno a capacidade de participar criticamente nas questões da sociedade, relacionando os conteúdos de forma contextualizada com o cotidiano do aluno. Esses princípios podem ser observados nas DCNEM(1998) , quando afirma no Art. 9º que:

Na observância da contextualização as escolas terão que:

I - na situação de ensino e aprendizagem, o conhecimento é transposto da situação em que foi criado, inventado ou produzido, e por causa desta transposição didática deve ser relacionado com a prática ou a experiência do aluno a fim de adquirir significado;

II - a relação entre teoria e prática requer a concretização dos conteúdos curriculares em situações mais próximas e familiares do aluno, nas quais se incluem as do trabalho e do exercício da cidadania;

III - a aplicação de conhecimentos constituídos na escola às situações da vida cotidiana e da experiência espontânea permite seu entendimento de forma crítica.

Segundo (Freire, 1996 *apud* Soeket *al* 2009, p. 51):

“Não devemos chamar o povo a escola para receber instruções, postulando, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiências feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história”.

Mas observa-se que os professores ainda não adotam em sua prática esse tipo de abordagem de ensino. Nesse sentido, em decorrência da falta de aulas bem

estruturadas, da predominância de um ensino altamente verbalista e antiinterdisciplinar, é que se tem visto o problema das evasões dos cursos tanto em nível de graduação como nas modalidades de ensino Fundamental, Médio e na modalidade EJA .

Apesar desta realidade, ainda tem-se uma perspectiva positiva de um ensino na área com qualidade, que seja desafiador e estimulador, criando estratégias que estimulem a curiosidade e criatividade dos estudantes.

A interdisciplinaridade no ensino de Química é um fator também bastante discutido, já que integra vários saberes disciplinares a fim de responder a um objeto de estudo. Segundo Henning (1994 *apud* LIMA, 2012) há uma necessidade de uma reformulação dos espaços acadêmicos nos quais se preparam futuros professores de Química, passando para os alunos orientações concretas quanto aos objetivos do estudo da Química, como utilizar recursos didáticos diferenciados, aplicação de técnicas e desenvolvimento de metodologias diferenciadas. Nesse sentido, acredita-se que é partir de uma formação sólida que se terá no Brasil profissionais preparados para transmitir o conhecimento não apenas em seu caráter conceitual, mas que também esteja voltada para a formação crítica do exercício da cidadania.

Com a finalidade de promover opções metodológicas aos educadores, orientando-os a trabalhar em conformidade com os avanços que o mundo tecnológico vem trazendo é que foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN. Esses documentos orientam para que se desenvolva um ensino voltado a promoção da interdisciplinaridade, buscando acompanhar os avanços teórico-metodológicos advindos do construtivismo. Sobre esse aspecto, os PCN esclarece:

Em um primeiro momento, utilizando-se a vivência dos alunos e os fatos do dia-a-dia, a tradição cultural, a mídia e a vida escolar, busca-se reconstruir os conhecimentos químicos que permitiriam refazer essas leituras de mundo, agora com fundamentação também na ciência. Buscam-se, enfim, mudanças conceituais. Nessa etapa, desenvolvem-se “ferramentas químicas” mais apropriadas para estabelecer ligações com outros campos do conhecimento. É o início da interdisciplinaridade. O conteúdo a ser abordado, nessa fase, deve proporcionar um entendimento amplo acerca das transformações químicas, envolvendo inicialmente seu reconhecimento qualitativo e suas inter-relações com massa, energia e tempo. Esse reconhecimento deve levar em conta, inicialmente, os produtos formados, sua extensão total, para, depois, considerar também a coexistência de reagentes e produtos, sua extensão

variável e o equilíbrio químico.(PCN- Conhecimentos de Química, p. 33, 1999)

Até aqui foram apresentadas algumas considerações sobre o Ensino de Química, destacando suas perspectivas e limitações no contexto da Educação Básica. No próximo ponto se discutirá sobre o Ensino na modalidade EJA, buscando traçar um breve resgate histórico deste ensino no Brasil, bem como os desafios e obstáculos enfrentados nos dias atuais.

2.3 O ENSINO NA MODALIDADE EJA

2.3.1. Um breve resgate histórico

As primeiras pessoas a alfabetizar a população adulta no Brasil, foram os Jesuítas no período colonial, que excluíram indígenas e negros do processo educacional. Sem muitos recursos o ensino era baseado em preceitos religiosos e transmitido oratoriamente, já que nesta época a população não tinha acesso a escola e ao sistema de escrita.(SOEK *et al*, 2009)

As primeiras escolas foram fundadas ainda com os Jesuítas, dando prioridade a classe elitizada e seus métodos de ensino permaneceram até o período pombalino aumentando assim o número de analfabetos no país. A primeira Constituição Brasileira de 1824 menciona o ensino primário gratuito para todos os cidadãos, mas na verdade o direcionamento desta educação foi para uma pequena parte da população como os colonizadores e seus filhos, deixando a classe baixa de lado, discriminando-as e excluindo-as como ainda nos dias atuais se vê.

Em 1934 houve uma promulgação da constituição, onde foi previsto o ensino obrigatório para crianças e adultos, como também o direito destas pessoas a receber livro didático e dicionário da Língua Portuguesa. Foi nesta Constituição que se estabeleceu a necessidade de oferecer educação básica a jovens e adultos que por algum motivo em sua trajetória de vida tiveram que interromper seus estudos.(SOEK *et al*,2009)

Em 1940 se deu início o combate frente ao analfabetismo no país. Com a divulgação de que mais de 55% dos brasileiros não havia sido alfabetizados, várias campanhas de alfabetização ocorreram promovidas pela UNESCO(Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a cultura)com o objetivo de implantar

uma rede de ensino primário supletivo para adultos não alfabetizados .(SOEK *et al*, 2009).

No decorrer do tempo, várias campanhas foram organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura tais como a Campanha Nacional de Educação Rural voltada para a população que vivia no meio rural e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, onde estas não tiveram tanto êxito devido à inadequação dos métodos utilizados, como deficiência administrativa, financeira e a má orientação pedagógica, necessitando de uma nova visão e de um novo método pedagógico. Foi a partir daí que surgiu um dos maiores alfabetizadores do país, o pernambucano Paulo Freire. Inspirador da Educação popular, Paulo Freire tornou-se referência para gerações de alfabetizadores, especialmente na América Latina e na África. Sofreu a perseguição do Regime Militar no Brasil(1964-1985), sendo preso e forçado ao exílio.(SOEK *et al*,2009)

Com sua experiência de ensino, Freire alfabetizou 300 trabalhadores, em 45 dias, sem usar técnicas tradicionalistas, centrando o processo de alfabetização em elementos de conscientização.

O pensamento pedagógico de Paulo Freire, assim como sua proposta para alfabetização de adultos inspiraram os principais programas de alfabetização e de Educação Popular, realizados no país no início dos anos 60 que trabalhavam com uma perspectiva político-cultural, envolvendo a igreja, partidos políticos de esquerda, estudantes e outros setores.(SOEK *et al* 2009, p.12).

Freire iniciou ações pedagógicas divulgadas e conhecidas com intuito de implantar uma alfabetização conscientizadora renunciando o uso de cartilhas, dando valor aos saberes e conhecimentos dos alunos.(SOEK *et al* 2009)

Em 1958 foi criada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), que desenvolvia e criava projetos-pólo com o intuito de realizar atividades que condissessem com a realidade de cada região, o que serviria de modelo para todo o país.(STRELHOW,2010)

No início dos anos 60 vários movimentos em prol da educação para Jovens e Adultos foram criados. Entre eles pode-se destacar: O Movimento de Educação de Base (1961-CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão, Também se Aprende (Prefeitura de Natal), entre outros e todos tomando como base a pedagogia de

Freire, procurando valorizar a cultura popular dos alfabetizandos. Nos anos 60, Paulo Freire foi indicado a elaborar o Plano Nacional de Alfabetização junto ao Ministério da Educação, mas, com o Golpe Militar isso não pôde ocorrer. (STRELHOW,2010)

Em 1964 com o golpe militar houve várias mudanças sociais, entre elas na educação de jovens e adultos. Os movimentos de alfabetização foram proibidos e muitos deles encerrados em alguns Estados. As pessoas que estavam engajadas nesse processo de educação popular foram reprimidas e expulsas do país, entre essas pessoas estava Paulo Freire. Em 1967 o próprio Regime Militar assumiu o controle desse ensino criando o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), tendo como objetivo apenas ensinar os indivíduos a escrever e ler, sem que fosse preciso entender o método pedagógico quanto ao porquê e para quê se deveria aprender o conhecimento ensinado, ou seja, privilegiava-se apenas a leitura e escrita sem discuti-la de forma crítica e reflexiva. (STRELHOW,2010)

Apesar do tempo em que perdurou, o MOBRAL foi extinto em 1985 ficando marcado por denúncias de desvio de dinheiro no que resultou em uma CPI. Logo após, deu-se início a República Nova. Nesse período, o Brasil se encontrava em uma grande crise econômica, mas foi neste período que se iniciou uma mudança nas leis referentes aos direitos que aqueles cidadãos que não tiveram a chance de ser escolarizado na idade ideal possuíam. Sobre esta questão Oliveira (2007, p. 4 *apud* STRELHOW,2010 p.55) argumenta:

O inciso I do artigo 208 indica que o Ensino Fundamental passa a ser obrigatório e gratuito, “assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria”. Em seu artigo 214, a Carta Magna indica também a que legislação “estabelecerá o Plano Nacional de Educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à • I – erradicação do analfabetismo • II – universalização do atendimento escolar.

A União ficou encarregada por Lei de investir nunca menos de trinta por cento do caput do art. 212 na emenda constitucional para erradicação do analfabetismo e de acordo com a LDB foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino trabalhando a educação de acordo com suas peculiaridades de estudo, ficando o poder público com o dever de oferecer cursos e exames supletivos de forma gratuita. (STRELHOW,2010)

Em 1990 já com governo do presidente Collor não se tinha mais nenhum programa voltado para a educação de jovens e adultos, o governo deixou de contribuir deixando os municípios com a responsabilidade de educar tal público. Só em 1996 é que foi elaborado um programa promovido pelo governo federal que possuíam as mesmas características dos programas de alfabetização dos anos 40 e 50 marcado por discriminações e reforçando a imagem dos analfabetos como pessoas incapazes de raciocinar, foi o que o Programa de Alfabetização Solidária (PAS), deu a entender. (STRELHOW,2010)

Em 1998 surgiu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) voltado para as pessoas situadas nas áreas de assentamento. Em 2003 o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado lançando uma meta de 4 anos para que a população fosse alfabetizada, obtendo um resultado em torno de 20 milhões de pessoas alfabetizadas. Em 2004 houve uma mudança do Ministro da Educação no qual houve uma mudança no programa deixando de ter então esta meta de 4 anos para erradicar o analfabetismo. (STRELHOW,2010)

Nos dias atuais, continua-se com um grande número de analfabetos que não sabem se quer escrever o próprio nome. Segundo (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 273 *apud* STRELHOW,2010 p.56):

Quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos e passam de 30 milhões os considerados analfabetos funcionais, que chegaram a freqüentar uma escola, mas por falta de uso de leitura e da escrita, tornaram à posição anterior. Chega, ainda, à casa dos 70 milhões os brasileiros acima dos 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela constituição, ou seja, o ensino fundamental. Somam-se a esses os analfabetos que, mesmo freqüentando a escola, não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita.

2.3.2 O Ensino da EJA e os documentos referenciais curriculares.

A Constituição de 1934 deu início a uma reformulação no ensino, garantindo a educação como direito de todos incluindo os adultos. Com o Plano Nacional de Educação (1936/1937) os adolescentes e adultos analfabetos passaram a ter acesso ao Ensino Supletivo. (HADDAD e DI PIERRO,2000)

A Educação de Jovens e Adultos ao longo do tempo vem avançando e ganhando espaço nas leis, tornando-se acesso garantido e consolidado na

constituição Federal de 1988, onde foram estabelecidas diretrizes para a modalidade como pode ser observado nos incisos I e VII do artigo 208:

- I – Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria;
- VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.(BRASIL, 1988 p.131)

Com a constituição de 1988, foi assegurado o direito a educação de jovens e adultos quando expressa no art.208 que o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade própria, o que já na legislação anterior, o parecer 699/72, resguardava esse direito apenas aos pertencentes à faixa etária dos 7 aos 14 anos, correspondendo ao antigo ensino de primeiro grau.

A LDB em seus artigos 37 e 38, faz menção ao ensino na modalidade EJA assegurando gratuitamente aos jovens e adultos que não conseguiram terminar os estudos na idade própria, o direito de acesso e permanência na escola.(BRASIL,1996)

O parecer 11/2000 regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. O texto contém: introdução, fundamentos e funções da EJA, bases legais, a EJA hoje, bases históricas, iniciativas públicas e privadas, formação docente, indicadores estatísticos, as diretrizes curriculares e o direito a educação, que foram aprovados na Câmara de Educação Básica em maio de 2000.(BRASIL-PROEJA_parecer 11, 2000)

Em janeiro de 2003, o MEC anunciou a alfabetização de jovens e adultos como prioridade do governo federal sendo criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo com o intuito de acabar com o analfabetismo formando assim o programa Brasil Alfabetizado. (LOPESe SOUZA, s.a)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), também deixa claro as exigências para com estes indivíduos em seu art.57:

- O poder público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório.(BRASIL-Lei nº8069 de 13 de julho de 1990, p. 23)

Convém sobretudo ressaltar que a nossa Carta Magna deixa previsto em seu artigo 205 que:

A educação, direito de todos é dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, p.1)

O parecer 06/2010 ainda regulamenta a carga horária e as idades estabelecidas para a EJA. Conforme o parecer a idade mínima para ingressar nos cursos de EJA é de 15 anos completos para o fundamental e 18 anos completos para o ensino médio. As cargas horárias para os anos iniciais do ensino fundamental fica a critério do sistema de ensino já para os anos finais a carga é de 1600 horas ficando o ensino médio com carga mínima de 1200 horas.

2.3.3. Formação de Professores para o trabalho com a EJA.

As causas encontradas hoje na modalidade de ensino EJA, estão voltadas ao número reduzido de alunos matriculados, onde uma maioria de alunos não consegue concluir seus estudos, causando a evasão escolar. Além disso, existe a má formação de profissionais habilitados para desenvolver um trabalho com jovens e adultos, logo são muitos os desafios a serem vencidos o que torna a prática de ensinar muito complicada. (GATTI 1997 *apud* RIBAS e SOARES, 2012).

Em relação ao processo de formação inicial, observa-se que pouco se discute sobre essa modalidade de ensino nos cursos de licenciatura, pouco se pesquisa, pouco se debate sobre como se trabalhar com estes sujeitos. Neste sentido, observa-se que esses fatores dificultam muito para que o futuro professor saia do espaço acadêmico com uma formação sólida para se trabalhar com esse público alvo. (BERNARDINO, 2008)

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino diferente e precisa ser tratada de maneira diferenciada. Trabalhar com estes sujeitos da mesma maneira que se trabalha no ensino regular é dar continuidade ao que se tem visto em muitas escolas por aí, a não permanência dos próprios sujeitos em sala de aula pois a maioria deles não conseguem acompanhar o ritmo de ensino. Claro que outros fatores como culturais, econômicos e sociais interferem também no processo de aprendizagem, mas quando se tem uma preparação formacional de qualidade, a

prática docente contribuirá bastante para a permanência destes indivíduos nas escolas. (BERNARDINO,2008)

Nos dias atuais diante do desenvolvimento da sociedade contemporânea, as práticas de ensino tem que se adequar a uma nova realidade, trabalhando os conhecimentos que cada aluno traz e suas experiências de vida para que possa garantir a permanência desses jovens em sala de aula. (BRASIL, 1999)

Segundo Arroyo (2005 p.35 *apud*BERNARDINO,2008 p.4):

Partir dos saberes, conhecimentos, interrogações e significados que aprenderam em suas trajetórias de vida será um ponto de partida para uma pedagogia que se pautar pelo diálogo entre os saberes escolares e sociais. Esse diálogo exigirá um trato sistemático desses saberes e significados, alargando-os e propiciando o acesso aos saberes, conhecimentos, significados e a cultura acumulados pela sociedade.

A partir das ideias expressas, percebe-se a necessidade de se investir na formação do educador para atender a essa realidade, tendo a preocupação de se trabalhar propostas de ensino que fujam do modelo tradicional e atendam as necessidades e objetivos da EJA, buscando romper com um ensino baseado no acúmulo de informações, memorização, definições, conceitos, leis entre outras coisas que não contribui para promover uma aprendizagem significativa (BERHENS, 2005 *apud*BERNARDINO,2008)

Sobre essas ações no contexto da prática do professor, Bernardino (2008, p.6) argumenta:

Assim, elementos importantes que podem contribuir para a formação do educador de jovens, adultos e idosos e possibilitar uma prática que leve em conta a diversidade cultural existente no ambiente escolar são: buscar entender a dinâmica dos movimentos sociais a que os alunos estão inseridos, movimentos estes que fazem parte do cotidiano do educando, que produz ações, formas de pensar e entender o mundo onde ele vive.

A formação continuada é outro ponto importantíssimo que é construída a cada dia com a atuação do docente em sala de aula, estando em contato permanente com a realidade, com os saberes e culturas das mais diversificadas formas. Neste sentido, o professor tem como papel o de mediador entre os conhecimentos que os alunos trazem de suas práticas cotidianas e o conhecimento historicamente produzido pela humanidade. (BERNARDINO, 2008)

Neste sentido, as instituições de ensino superior devem repensar seus currículos e inserir nos cursos de licenciatura formas de abordagens sobre como trabalhar com a EJA, como desenvolver atividades que estejam dentro da realidade deles. Dessa maneira daríamos o primeiro passo para uma formação de qualidade. (BERNARDINO, 2008).

Universidades, governos federais, municipais e estaduais, juntamente com movimentos sociais, urbanos e rurais bem como educadores e educandos e sociedade civil como um todo, em parcerias, podem repensar políticas e práticas que levem em consideração a formação do professor para essa modalidade de ensino dentro do atual processo de desenvolvimento da sociedade de forma que, os sujeitos da EJA tenham a possibilidade de acesso e permanência nos sistemas de ensino.(BERNARDINO,2008 p.11)

O fato de lidarmos com esta modalidade de ensino não significa dizer que vamos tratar essas pessoas do mesmo jeito que tratamos e lidamos com crianças. Não devemos infantilizar a EJA usando métodos e conteúdos que não são adequados.(BRASIL-PROEJA_parecer 11, 2000)

Percebe-se, pois, a exigência de uma formação específica para a EJA, tratando a formação em consonância com a relação pedagógica com esses sujeitos que por alguma razão não tiveram a oportunidade de terminar os seus estudos na idade certa e encontram-se cheios de experiências de vida que não podem ser ignoradas.

2.4 DIFICULDADES APRESENTADAS PELOS PROFESSORES NO TRABALHO COM A EJA

São muitas as dificuldades encontradas para se trabalhar com esta modalidade de ensino, a começar pela formação acadêmica, onde os discentes obtêm pouca ou nenhuma preparação pedagógica para executar o trabalho com a EJA, logo quando se deparam com uma situação nova, onde é preciso ter uma didática um pouco diferenciada, onde muitas vezes não conseguem resolver o problema, já que ele foi preparado em sua vida acadêmica para trabalhar com apenas uma modalidade de ensino. Isto implica dizer que o professor não conseguirá atender as expectativas de trabalho com a EJA, o que conseqüentemente acarretará em problemas maiores.(DIAS et al, 2008).

A forma como se organizam os cursos de licenciatura com seu currículo desatualizado cheio de conteúdos informativos, pouco ajuda na formação dos alunos para atuarem como educadores nesta modalidade de ensino, o que dificulta muito o trabalho dos professores quando se deparam com a realidade da EJA (LAMBACH,2013)..

A proposta curricular da EJA é que se leve em conta o que propõe as diretrizes curriculares do ensino regular,mas deixa claro que é preciso refletir as especificidades do trabalho com a química no ensino de jovens e adultos.Infelizmente não se esclarece quais são essas especificidades a serem trabalhadas deixando assim mais uma vez dúvidas quanto ao ensino desses sujeitos.(LAMBACH,2013)

Além de ter que trabalhar com pessoas de idades e culturas diferentes, é necessário entender que a EJA se trata de pessoas que estão buscando realização pessoal, outras que estão buscando uma educação formal ou até mesmo melhoria de vida.

Como declara Gadotti e Romão (2008,17):

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Outra problemática diz respeito aos conteúdos que o professor deverá trabalhar com o aluno ao longo do ano letivo.Devido à preocupação que se tem para não deixar de mostrar toda a grade de conteúdos o docente acaba deixando de lado o saber próprio do aluno,a experiência de vida dele e dosalunos,o contexto cultural que essas pessoas estão inseridas, o que acaba dificultando a convivência, o bom relacionamento entre professor-aluno, o que afetará no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos científicos (PEDROSO, 2010).

O relacionamento entre o professor e o aluno é outro fator importante. Os alunos buscam e esperam também, uma boa convivência,respeito e compreensão por parte do professor para que assim desperte neles o interesse no processo ensino-aprendizagem.Por sua vez o professor espera do aluno esforço,participação,acuidade e disciplina. (PEDROSO,2010)

A baixa autoestima de alguns alunos torna-se uma dificuldade grande para o professor, pois o aluno sente-se incapacitado de aprender os conteúdos ou de conseguir acompanhar a turma, tornando esse outro grande desafio para o docente. Nesse sentido, é necessário incentivar e saber agir da melhor forma para interá-lo nesse processo de ensino.

Ensinar sempre será um trabalho exaustivo; os professores estão envolvidos em centenas de interações, em circunstâncias potencialmente e geradoras de tensão. A qualquer momento você tem um contato bastante íntimo, dia-a-dia, com um grande número de jovens e crianças, em uma sociedade bastante complexa; tudo isso é um desafio mesmo para os professores mais dinâmicos (FULLAN; HARGREAVES; 2000, p.129)

O educador muitas vezes acostumado com o ensino regular, cria um certo desconforto em ter que mudar sua metodologia, já que a EJA impõe que seja realizado um trabalho de maneira diferenciada. Os órgãos públicos pouco ajudam a sanar os problemas que dificultam a Educação de Jovens e Adultos a ter uma educação de qualidade. (PEDROSO, 2010)

Nesse contexto, percebe-se então que o docente encontra sérias dificuldades no processo de ensino da EJA. São muitos desafios a ser vencidos dentro do ambiente escolar que lhes vai dando experiência e os habituando-os a realidade vivida. É preciso que haja reflexão e prática de mudanças no processo educacional e nas políticas públicas relacionadas a EJA, buscando a valorização desses jovens e adultos. (PEDROSO, 2010).

3. METODOLOGIA

A pesquisa realizada é classificada quanto a sua natureza como qualitativa, pois permite a descrição, descoberta, compreensão dos conceitos necessários para o bom desenvolvimento do trabalho. Segundo Gil(2008), os estudos de natureza qualitativa possibilitam um maior aprofundamento na investigação do caso em questão o que requer maior atenção e participação do pesquisador.

Trata-se de um estudo de caso levando em consideração que está se buscando compreender quais as concepções e experiências de um público particular (professores de uma escola do Município de Campina Grande-PB). Sobre o estudo de caso Yin (2010, p. 23) argumenta:

"o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas".

Nesse sentido, tomando como base as pesquisas que já revelam algumas limitações no campo de estudo da EJA, busca-se aqui nesta pesquisa, identificar e analisar as concepções dos professores que trabalham com a EJA, suas relações com o corpo discente e suas dificuldades com a modalidade.

Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula entre os meses de fevereiro e março de 2015. Os sujeitos desta pesquisa foram três professores de Química da EJA que trabalham no turno da noite, o que representa 100% da amostra. Este é o único turno que trabalha com esta modalidade de ensino nesta escola.

Cada professor trabalha com turmas do 1º ao 3º ano do Ensino médio com um número de alunos que variam entre 15 e 30 alunos. A maioria dos alunos são jovens que tem idade entre 18 a 25 anos. No entanto, é possível observar que encontra-se pessoas com idade entre 30 e 50 anos.

Quanto aos professores que participaram da pesquisa, estes tiveram o seu anonimato respeitado, onde se esclareceu a importância da pesquisa para o universo da EJA.

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário contendo 9 perguntas entre elas abertas e fechadas, permitindo dessa forma identificar o que cada sujeito pensa a respeito do objeto de pesquisa investigado.

Segundo Gil (1999, p.128), os questionários podem ser definidos como uma técnica de investigação composta por um número elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, que tem como objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.

Nesse sentido, o autor destaca algumas vantagens referentes ao uso dos questionários:

a) possibilita atingir grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas numa área geográfica muito extensa, já que o questionário pode ser enviado pelo correio; b) implica menores gastos com pessoal, posto que o questionário não exige o treinamento dos pesquisadores; c) garante o anonimato das respostas; d) permite que as pessoas o respondam no momento em que julgarem mais conveniente; e) não expõe os pesquisadores à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado. (GIL, 1999, p. 128-129)

Os dados coletados serão representados em gráficos para as questões de múltipla escolha. Para as questões abertas se utilizará a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011).

A análise de conteúdo de Bardin (2011) é iniciada pela definição da unidade de análise a partir do parágrafo, escolha do material a compor o corpus, seguida de uma leitura flutuante, transcrição dos textos, categorização e, por fim, a quantificação da ocorrência das categorias no texto.

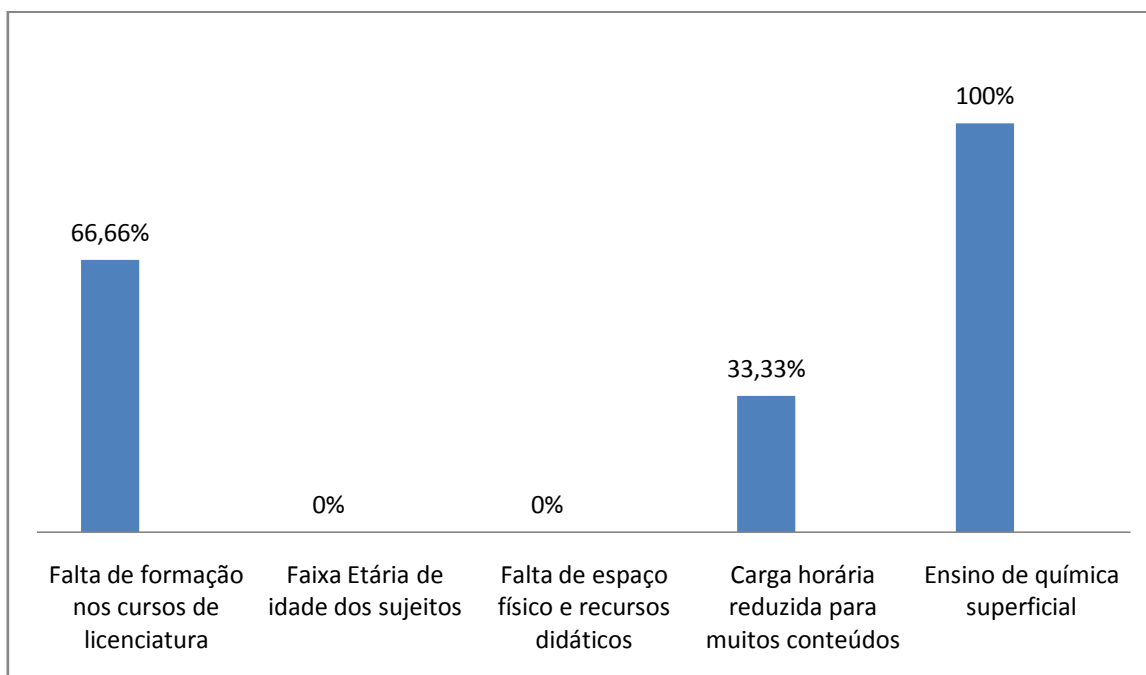
Em seguida, depois de analisado os dados, se buscou fazer uma discussão articulando os resultados à luz do referencial teórico da área de estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação dos questionários, buscando fazer uma análise das respostas dadas pelos professores e articulando estes dados com os referenciais teóricos da área em estudo.

A primeira questão buscou diagnosticar quais as dificuldades encontradas pelos professores de Química para o trabalho com a EJA. A Figura 1, apresenta os resultados obtidos a partir da frequência das respostas atribuídas pelos professores.

Figura 1. Dificuldades encontradas pelo docente com relação ao ensino na EJA



As respostas expressam que 66,66% dos professores afirmam que uma das dificuldades enfrentadas para o trabalho com a EJA é a falta de formação nos cursos de licenciatura em Química para o trabalho com esta modalidade de ensino. 33,33% apontam como dificuldades, a carga horária reduzida para trabalhar uma quantidade muito grande de conteúdos que são exigidos pelo currículo. Já 100% afirmam que tais dificuldades estão relacionadas ao Ensino superficial que é dado a esta modalidade de Ensino. Nenhum dos sujeitos apontou como dificuldades a questão da faixa etária dos alunos e a falta de espaço físico e recursos didáticos.

Nesse sentido, é possível perceber que existem uma diversidade de problemas que envolvem o ensino da EJA, que vão desde a formação de

professores até as metodologias tradicionais utilizadas nesta modalidade de ensino, o que conseqüentemente afetam o processo de ensino aprendizagem, provocando limitações no processo de ensino e aprendizagem. Além destas questões, os professores acabam em muitos casos ensinando os conteúdos de maneira superficial, já que alegam que os estudantes não conseguem acompanhar os conteúdos de Química pela questão do alto grau de complexidade que esta disciplina se apresenta. Logo, muitas vezes as aulas são reduzidas o que acaba limitando os sujeitos a ter acesso aos conhecimentos necessários para a sua formação cidadã.

Segundo Santos et al (2011), muitos estudos apontam que pouca atenção tem sido dada pelas universidades, nos cursos de formação de professores para o trabalho com tal modalidade de ensino. As pesquisas tem revelado que a maioria dos cursos de licenciatura ofertados no Brasil, não oferece componentes curriculares específicos para o trabalho com a EJA.

Moura (2006) revela que esta modalidade de ensino não vem sendo discutida na perspectiva de que os licenciandos obtenham formação mínima necessária para saber lidar com os alunos na EJA. Logo, o aluno não é estimulado a buscar e se apropriar de conhecimentos teóricos bem fundamentados, o que acaba gerando um despreparo para lidar com tal público.

No que diz respeito as superação das dificuldades de aprendizagem na EJA, Mendes, Amaral e Silveira (2011, p.3)argumenta:

No que tange às disciplinas abordadas na EJA, o conteúdo de química é considerado um dos mais difíceis de aprendizagem, pois exige dos alunos capacidade de abstração (para o entendimento de fórmulas e simbologias químicas), interpretação e leitura. Nesta vertente, quando o aluno, mediado pelo professor, consegue identificar aplicabilidade do conteúdo químico nas diversas áreas afins e no seu cotidiano, pode facilitar a aprendizagem dos alunos da EJA de uma forma mais significativa.

É necessário que haja reflexão sobre o que o professor pode fazer para que os alunos aprendam Químicabuscando relacioná-la com aspectos ligados a ciência, tecnologia e sociedade,contribuindo assim para o seu desenvolvimento pessoal e a formação crítica para o exercício da cidadania.(MARCONDES, 2008)

Nesse sentido, o perfil do profissional esperado na EJA é algo importante para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, já que os alunos devem vero educador como um modelo a ser seguido. Nesse sentido, é

papel do profissional da EJA, atuar nesta modalidade de ensino, buscando compreender o aluno e o seu contexto sócio-histórico-cultural. É importante que toda a sociedade, inclusive a família dos sujeitos, rompam com preconceitos, discriminações e críticas que de certa forma contribuem para agravar os problemas que surgem na vida destes alunos. Portanto, é importante que os professores conheçam bem os jovens e adultos que estarão participando do processo educacional, levantando as suas expectativas e anseios.

Em seguida os professores foram convidados a descrever como ocorre a relação professor- aluno no contexto da sala de aula. As respostas estão expressas no quadro 2.

Quadro 2. Opinião dos professores quanto a relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem na EJA.

CATEGORIA 2. RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NA VISÃO DOS PROFESSORES		
SUBCATEGORIAS	Nº(%)	FALA DO PROFESSOR
2.1 O professor afirma que a relação com os alunos é boa, devido possuírem uma idade avançada, o que favorece para que estes sintam-se motivados para concluir os estudos.	2 (66,7%)	É relativamente boa. Acredito que devido a idade dos alunos e porque são pessoas que de fato, querem concluir o ensino médio
2.2 O professor afirma que no processo de ensino aprendizagem o respeito é um fator importante em ambas as partes.	1 (33,3%)	Uma boa relação onde há respeito de ambas as partes

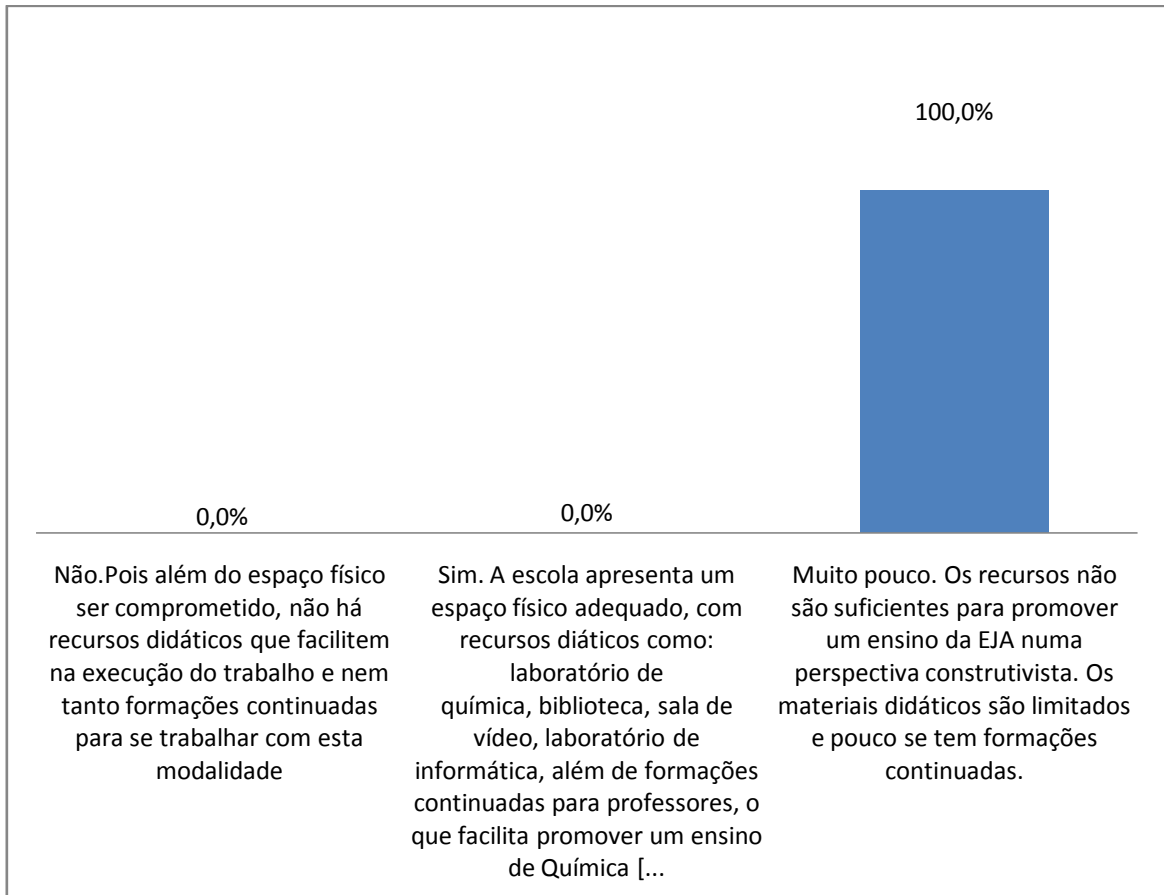
As respostas expressas no quadro 2, revelam que 66,7% dos professores afirmam que tem uma boa relação com os sujeitos, o que acaba contribuindo para despertar motivação para o término dos estudos. 33,3% descreve que no processo de ensino aprendizagem, é importante que haja respeito para proporcionar um bom relacionamento entre os sujeitos.

Quanto à relação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, algumas questões devem ser levadas em consideração. A primeira

delas, é que é necessário avaliar as semelhanças e as diferenças entre os jovens e adultos que retornam ao ambiente escolar em busca de conhecimentos que sejam úteis para a sua vida. Ambos buscam crescimento profissional, ou terminarem os estudos para obter melhores condições de remuneração. Logo, estes sujeitos diferenciam-se pelas condições biológicas e psicológicas, o que aponta para uma demanda diferente de saberes dentro do atendimento escolar na EJA. Nesse sentido, é importante estabelecer uma relação harmoniosa com estes sujeitos, produzindo laços de amizade dentro do espaço escolar. Tais ações proporcionarão resultados positivos como a diminuição dos preconceitos, das limitações e dos dissabores, o que promoverá parcerias no lugar de disputas. As diversas reflexões que estão relacionadas aos valores e as condutas dentro desta modalidade de ensino proporciona a formação de vínculos positivos, provoca reflexões sobre a forma de pensar, agir e sentir do outro.

Posteriormente, os professores foram convidados a discutir se a escola onde ele atua oferece condições para um trabalho diferenciado nesta modalidade de ensino. Os dados serão apresentados na figura 3.

Figura3. Opinião dos professores em relação as condições de trabalho oferecidas pela escola na modalidade da EJA

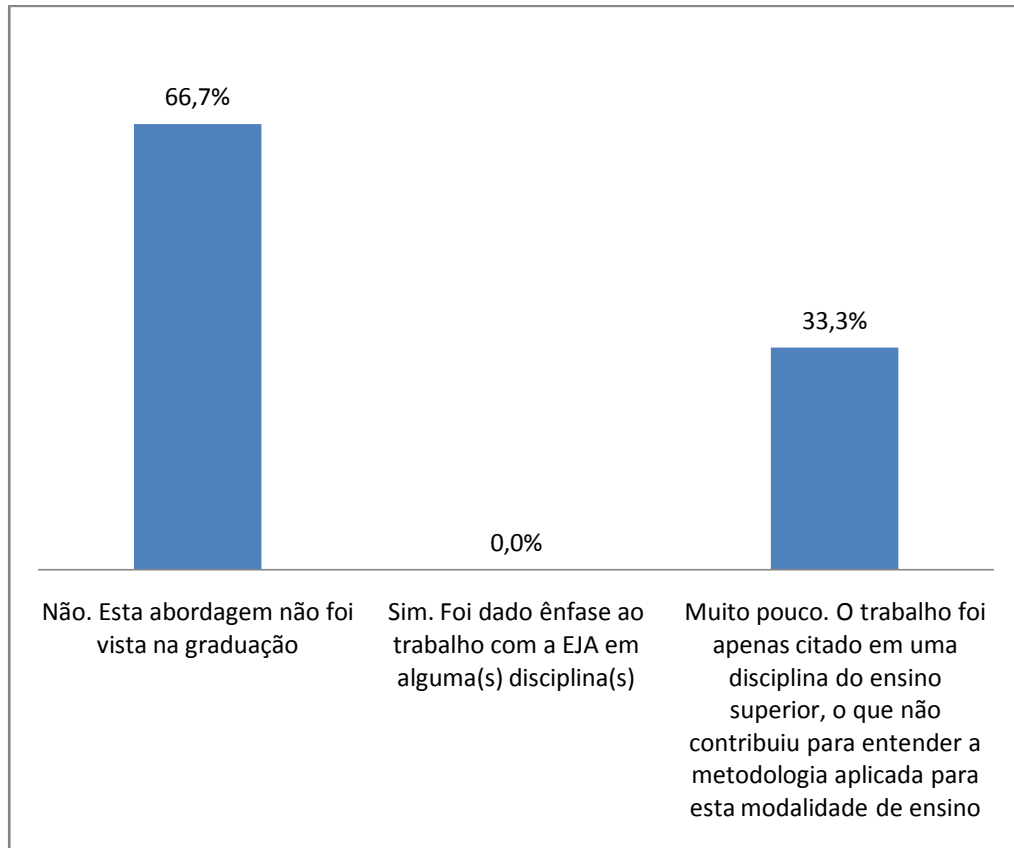


Os resultados expressam que 100% dos professores revelam que a escola não possui recursos suficientes que dê a EJA as condições necessárias para se promover um ensino de qualidade.

Na visão de Mendes et al (2015), a utilização do livro didático como único instrumento de apoio ao ensino, não contribui para despertar interesse e motivação dos estudantes nas aulas de Química. O autor revela que muitas escolas públicas, não possuem estrutura adequada para atender a educação desses jovens não se tem ao menos um laboratório para trabalhar com aulas experimentais.

Em seguida, os professores foram convidados a descrever se o processo de formação inicial contribuiu para que adquirissem formação e experiência para lidar com o trabalho na EJA. As respostas estão expressas no gráfico a seguir.

Figura 4- A sua formação inicial lhe permitiu você se sentir preparado para trabalhar com essa modalidade de Ensino?



Os resultados expressos na figura 4 revelam que 66,7% dos professores não tiveram uma formação necessária para trabalhar com a EJA no contexto da sua formação inicial. Logo, afirma-se que não tiveram nenhuma componente curricular que tratasse do trabalho com este público alvo. 33,3% dos sujeitos revelam que em alguns momentos se discutiu sobre a EJA, no entanto tal discussão não foi suficiente para se compreender a metodologia de trabalho com este público alvo.

Em geral, o educador não recebe formação adequada e não possui a atenção necessária para trabalhar com a EJA. Sobre esta questão, Ribas e Soares (2012, p.3-4) afirma:

com relação à qualidade da formação para atuação na EJA, o que ocorre é uma crescente descaracterização dos cursos de formação, juntamente a falta de livros escritos que propicie apoio a essa formação, a pouca contribuição das universidades, ao desprezo das questões de ensino e a formação para o trabalho docente.

Nesse sentido, é necessário que o processo de formação qualifique os professores que irão trabalhar com a EJA, e para os que já estão atuando nas salas de aula, busquem uma formação continuada para que possam refletir sua prática e

melhore a qualidade de ensino dentro do contexto educacional contemporâneo (RIBAS e SOARES,2012).

Em seguida os professores foram questionados em relação à importância que atribuem à valorização que deve se dar em relação às experiências de vida dos alunos no contexto de ensino da EJA. O quadro 3 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 3. Importância atribuída pelos professores em relação a importância que atribuem ao ensinar Química levando em consideração as experiências de vida dos alunos

CATEGORIA 5.IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DOS ALUNOS NA VISÃO DOS PROFESSORES		
SUBCATEGORIAS	%	FALA DO PROFESSOR
5.1 O professor afirma que procura sempre relacionar os conteúdos com o cotidiano dos alunos.	2 (66,7%)	Sim.Enquanto professor de química procuro sempre relacionar conteúdo com cotidiano exatamente para valorizar tais conhecimentos
5.2 O professor afirma que em alguns momentos articula o Ensino de Química a partir das experiências de vida do aluno	1 (33,3%)	Sim, em partes.Mas fazemos o possível para relacionar o cotidiano dos alunos com a ciência química

Vemos que a valorização das experiências de vida do aluno tem sido bem aproveitado e considerado pelos professores, pois 66,66% dos professores conseguem associar e relacionar os conteúdos com os conhecimentos que esses indivíduos trazem de seu contexto de vida. .Apenas 33,33% dos professores entrevistados afirmaram que nem sempre é possível , mas que ao menos tentam sempre que tem oportunidade, o que pode ser considerado um aspecto positivo em sua prática docente ao buscar refletir sobre as suas ações pedagógicas em sala de aula.

Na visão de Soek(2009,p.43) “..é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender as necessidades de aprendizagem específicas de alfabetizando jovens e adultos”

Para Freire (1996) o aluno não é apenas um receptor de informações e o professor não pode atuar como um transmissor de conteúdos, mas sim, ao longo do processo de construção do conhecimento, ambos precisam estabelecer uma relação harmoniosa, onde o aluno deve ter espaço para atuar de forma crítica e dialógica. O professor deve atuar como mediador do processo, estabelecendo um elo que possa

motivar o aluno em aprender os conteúdos de forma crítica, dialógica, construtiva com objetivo de preparar estes indivíduos para que exerçam a sua cidadania.

Na visão do autor a pedagogia libertadora é capaz de tornar o ensino mais humano e transformador contribuindo para que estes sujeitos se vejam como autores de sua própria história. (FREIRE, 1996)

Como educadores, devemos estar atentos para não compelirmos nossos alunos a um contexto sociopolítico que possa predominar sobre os saberes e diversidades culturais desses sujeitos.(FREIRE,1992 *apud*MENDES *et al*,2011)

A seguir, buscou-se diagnosticar se os professores de Química tem trabalhado os conteúdos da EJA buscando contextualizá-los com objetivo de proporcionar a estes sujeitos o acesso a um conhecimento químico que esteja relacionado com o seu contexto sociocultural e as necessidades que envolvem conhecer questões voltadas ao papel da ciência frente aos avanços tecnológicos e suas implicações de ordem econômica, social, política e ambiental. O quadro 4 apresenta os resultados obtidos.

Quadro 4. Diagnóstico de como tem sido trabalhado os conteúdos da EJA pelos professores de Química.

CATEGORIA 6.Diagnóstico de como tem sido trabalhado os conteúdos da EJA pelos professores de Química.		
SUBCATEGORIAS	Nº (%)	FALA DO PROFESSOR
6.1 O professor afirma que em partes consegue contextualizar os conteúdos	2 (66,7%)	Sim,em parte.
6.2 O professor revela que faz o possível para contextualizar o ensino na EJA, mas no geral, isto não ocorre.	1 (33,3%)	Não.Fazemos o possível para contextualizar ,mas no geral não é.

Verificamos que 66,7% dos professores entrevistados conseguem fazer a contextualização dos conteúdos em partes, enquanto apenas 33,3% dos professores afirmam que é complicado fazer a contextualização dos conteúdos em sala de aula, mas que dentro do possível tentam dinamizar as aulas de Química.

Através de alguns trabalhos realizados sobre ensino de química na EJA, percebe-se que a aprendizagem dos alunos vem sendo trabalhada a partir do

modelo transmissão recepção numa perspectiva descontextualizada, não oportunizando um ensino que esteja articulado com o contexto de vida dos alunos. É fato que essa contextualização deva ocorrer nas salas de aula e são muitos os meios pelos quais se pode aplicar esta contextualização abordando temas como: os efeitos da química no meio ambiente, manuseio e utilização de substâncias, segurança do trabalhador, entre outras questões que são importantes para o bom aprendizado dos alunos da EJA. (SCHNETZLER, 2004 *apud* MENDES, 2011).

Posteriormente os professores foram convidados a refletir se a faixa etária dos alunos pode ser um fator que dificulta o processo de ensino e aprendizagem na EJA. Os resultados estão expressos no quadro 5.

Quadro 5. Opinião dos professores em relação à faixa etária dos alunos e as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos da EJA.

CATEGORIA 7. OPINIÃO DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO A FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS E AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS DA EJA.		
SUBCATEGORIAS	N° (%)	FALA DO PROFESSOR
7.1 O professor afirma que os mais idosos sentem algumas dificuldades, mas são esforçados e buscam superá-las, já os mais jovens tem mais facilidade e buscam ganhar tempo para concluir o ensino médio.	1 (33,33%)	Não. Os mais velhos apesar de algumas dificuldades, se esforçam e buscam superar-se. E os mais jovens estão ansiosos para ganhar tempo e concluir o ensino médio
7.2 Em relação aos mais jovens, os mais idosos sentem maior dificuldade no processo de ensino e aprendizagem, o que exige um maior tempo de dedicação do professor em busca de ajudá-los a superar tais dificuldades.	1 (33,33%)	Um pouco, pois os mais idosos sentem uma maior dificuldade em relação aos mais jovens e acaba tomando um pouco do tempo que já é curto
7.3 O professor afirma que não há problema, pois a modalidade existe justamente para atender a essas pessoas que se apresentam nesta faixa etária	1 (33,33%)	Não, até porque a modalidade existe exatamente para todos que em idade certa não cursaram o ensino na forma regular

As respostas expressas pelos professores revelam que 33,33% dos professores disseram que os mais velhos sentem dificuldade mais são bastante esforçados e procuram sempre acompanhar o ritmo dos mais jovens e estes por sua vez, querem terminar os seus estudos para concluir o ensino médio. Verificamos que 33,33% dos professores assumem que os mais idosos tem uma certa dificuldade relacionados aos mais jovens e que necessitam de um olhar diferenciado do próprio professor para superar essa deficiência. 33,33% dos professores informam que a faixa etária dos alunos não gera problemas, uma vez que, a modalidade EJA existe justamente para atender pessoas com idades mais avançadas e que não tiveram oportunidade de terminar seus estudos no ensino regular.

A EJA possui um papel importante na educação de pessoas com a faixa etária de idade maior, pois possibilita a elas ter uma esperança de mudança de vida através da continuação dos seus estudos. Como o seu plano curricular deve ser diferenciado da rede regular de ensino, essas pessoas tem uma nova chance de terminar seus estudos mais rapidamente, para que possam ser inseridos na sociedade dignamente.

É importante compreender o papel do professor da EJA. Como educador, ele precisa compreender bem seu aluno e conhecer sua realidade de vida avaliando as diferenças e semelhanças que cada um desses indivíduos trazem consigo. (MENDES, 2011)

O quadro 6 apresenta as opiniões dos professores em relação a assimilação dos conteúdos por parte dos alunos. Nesse sentido, os professores analisaram se os alunos da EJA conseguem acompanhar com tranquilidade os assuntos de química e se eles se adequam a grade curricular imposta.

Quadro 6. Opinião dos professores quanto o acompanhamento dos conteúdos de Química pelos alunos na EJA.

CATEGORIA 8. OPINIÃO DOS PROFESSORES QUANTO O ACOMPANHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE QUÍMICA PELOS ALUNOS NA EJA.		
SUBCATEGORIAS	Nº(%)	FALA DO PROFESSOR
8.1 O professor afirma que os conteúdos são moderados e direcionados para a modalidade.	2 (66,7%)	Sim. De acordo com a modalidade é feito o processo com moderação e direcionado.

8.2 O conteúdo é reduzido e direcionado, o que acaba contribuindo para gerar um certo prejuízo em termos de aprendizagem	1 (33,3%)	Sim. Já que o conteúdo é trabalhado com uma certa redução e de forma bem direcionada. Na verdade eles tem um certo prejuízo comparado com o ensino regular
--	------------	--

Percebe-se que 66,7% dos professores afirmam que os conteúdos são trabalhados de forma moderada e que são direcionados para a modalidade, enquanto 33,3% dos professores afirmaram que devido à redução de conteúdos, de certa forma acaba prejudicando os alunos em relação à quantidade de conhecimentos que os estudantes deveriam assimilar o que poderá comprometer a sua aprendizagem.

Há uma necessidade iminente de trabalhar os conteúdos da EJA com um estilo diferente sem que se reprima a proposta de um ensino que propicie formar cidadãos mais críticos. A contextualização dos conteúdos de química, é uma saída para que se desenvolva um bom trabalho em sala de aula com proposta voltada para cidadania. (MENDES, 2011)

Nesta modalidade de ensino, o conteúdo de química deverá estar relacionado ao contexto social do aluno, possibilitando transformações de sua realidade, mais significativas. (MENDES, 2011)

Ribeiro e Melo (2010, p.3) ainda argumentam:

Levando em consideração que os jovens e adultos na EJA necessitam, além dos saberes científicos, práticas educativas que aproveitem a sua bagagem cultural e a experiência acumulada e a extrema complexidade do mundo atual, o ensino de Química na Educação de Jovens e Adultos não pode ser apenas preparatório para um exame de seleção, no qual o jovem e o adulto são treinados a resolver; questões que exigem sempre a mesma resposta padrão. O mundo atual exige que o jovem e o adulto se posicionem, julguem e tomem decisões e sejam responsabilizados por isso. Ou seja, o ensino de Química tem que fornecer subsídios para que esses jovens e adultos sejam letrados cientificamente para poderem atuar na sociedade e na comunidade em que vivem de forma significativa.

De acordo com as Orientações Curriculares Nacionais (2008), a metodologia mais adequada e mais imprescindível para que possamos conseguir êxito em fazer educação com a Química é utilizar o “o ensino no contexto”. Logo, uma das opções

metodológicas que se pode trabalhar no ensino de Química na Educação de Jovens e Adultos é a utilização do uso de Tema Gerador. (FREIRE, 1996)

Por fim, os professores indicaram os principais pontos negativos e positivos para o trabalho com a EJA. O quadro 7, apresenta os resultados obtidos.

Quadro 7. Aspectos positivos e negativos em relação ao Ensino de EJA na visão dos professores.

CATEGORIA 9. Aspectos positivos e negativos em relação ao Ensino de EJA na visão dos professores.			
SUBCATEGORIAS		N°(%)	FALA DO PROFESSOR
3.1 Os professores apresentam como aspectos positivos:	3.1.1 Os alunos apresentam maior interesse em aprender	1(33,33%)	Maior interesse do alunado
	3.1.2 A troca de experiência é bem maior com este público alvo	1(33,33%)	Troca de experiência
	3.1.3 Há uma boa relação entre professor e aluno	2(75%)	A boa relação entre professor-aluno
	3.1.4 Desafio no que se diz respeito ao trabalho com pessoas de idade distintas	2(75%)	Superação dos desafios de trabalhar com pessoas com idades diferentes
	3.1.5 O ensino de química contextualizado ao se trabalhar com este público alvo	1(33,33%)	Contextualização dos conteúdos com a formade vida de cada um e as ocupações.

3.2 Os professores apresentam como aspectos negativos:	3.2.1 Falta de material específico	3(100%)	Materiais didáticos não direcionados
	3.2.2 Redução de conteúdos	1(33,33%)	Redução de conteúdos
	3.2.3 Tempo de aula reduzido	3(100%)	Quantidade de aula mínima

De acordo com as respostas expressas acima é possível perceber que os professores expressam muitas dificuldades em trabalhar com EJA, relatando como aspectos negativos: a carga horária reduzida das aulas, a falta de material específico e a redução dos conteúdos.

Em contrapartida, os professores apontam aspectos positivos ao se trabalhar com a EJA. Entre estes aspectos é possível destacar: a troca de experiência com os alunos, a boa relação entre professor-aluno, motivação e interesse nas aulas é bem maior, além dos desafios vencidos ao se trabalhar com alunos em idades distintas.

Fica evidente que trabalhar com esta modalidade de ensino não tem sido uma tarefa muito fácil no contexto da educação brasileira. Como já foi evidenciado em muitas discussões até aqui expressas, o ensino da EJA ainda vem enfrentando muitos obstáculos, necessitando de políticas públicas favoráveis para a melhoria do processo educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos vem avançando ao longo do processo histórico, o que propiciou uma grande contribuição para a sociedade combatendo os altos índices de analfabetismo que sempre foram alarmantes em nosso país, principalmente para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudo no tempo certo.

No entanto, apesar de seu avanço observa-se que existem muitas dificuldades que são enfrentadas tanto pelo docente como pelo discente, apresentando lacunas como: a falta de preparo qualificado dos professores para lidar com turmas de idades mistas; ausência de uma formação continuada para lidar com as várias situações apresentadas pelos alunos em sala de aula; metodologias de ensino impróprias no contexto da formação dos alunos; ausência de materiais didáticos, etc.

Neste sentido, o presente estudo revela que uma das dificuldades enfrentadas para o trabalho com a EJA é a falta de formação nos cursos de licenciatura em Química para o trabalho com esta modalidade de ensino. Outros apontam como dificuldades a carga horária reduzida para trabalhar uma quantidade muito grande de conteúdos que são exigidos pelo currículo, como também dificuldades relacionadas ao Ensino superficial que é dado a esta modalidade de Ensino.

Quanto a relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem as respostas revelam que os professores tem uma boa relação com os sujeitos, o que acaba contribuindo para despertar motivação para o término dos estudos.

No que se refere à disponibilidade de recursos didáticos, os professores revelam que a escola não possui recursos suficientes que dê condições necessárias para se promover um ensino de qualidade nesta modalidade.

Quanto aos aspectos de como os conteúdos são trabalhados, percebe-se na fala dos professores que poucos adotam o ensino levando em consideração o contexto sócio cultural dos estudantes. Em muitos momentos, os professores até compreendem a necessidade de contextualizar os conteúdos de Química na EJA, mas revelam que nem sempre é possível executar ações na prática.

Em relação às dificuldades de aprendizagem no Ensino de Química, os professores revelam que os adultos sentem mais dificuldades que os jovens. No

entanto, estes últimos buscam motivação para superar suas limitações ao longo do processo educacional.

Em relação as potencialidades para o trabalho com a EJA, os professores afirmam como aspectos positivos: a troca de experiência com os alunos, a boa relação entre professor-aluno, motivação e interesse nas aulas é bem maior, além dos desafios vencidos ao se trabalhar com alunos em idades distintas.

Quanto às limitações, é possível perceber que fatores como a carga horária reduzida das aulas, a falta de material específico e a redução dos conteúdos, dificultam o processo de ensino na EJA.

Portanto, fica evidente que trabalhar com esta modalidade de ensino nesta escola, não tem sido uma tarefa muito fácil para estes profissionais, tornando-se um desafio para estes sujeitos, ter que lidar com tantos obstáculos que acaba limitando o trabalho com este público alvo. Nesse sentido, estes profissionais necessitam buscar em outros espaços, uma formação continuada para melhorar as suas práticas pedagógicas na EJA. Como também é necessário que ocorra uma melhoria nas políticas públicas voltadas para o trabalho com esta modalidade de ensino no contexto da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BERNARDINO, A.J. Exigências na formação dos professores de EJA. Eixo: **Educação de Jovens e Adultos/ nº. 06**. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sc/files/Exig%C3%A2ncias%20na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Professores%20da%20EJA.pdf> Acessado em: 20,21,23,24/09/2014

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, 1988.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000-Homologado**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proeja_parecer11_2000.pdf. Acesso em 05/11/2014

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 06/2010**. Disponível em: <http://www.cmconsultoria.com.br/imagens/diretorios/diretorio14/arquivo2516.pdf> Acessado em 05/11/2014

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, v. 134, n. 248, p. 27833-841, 23 dez. 1996.

_____. Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer n. 15, de 1 de junho de 1998. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 1998

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 06/2010**. Disponível em: <http://www.cmconsultoria.com.br/imagens/diretorios/diretorio14/arquivo2516.pdf> Acessado em 05/11/2014

_____. Estatuto da criança e do adolescente (ECA). **Lei nº8069 de 13 de julho de 1990**.

_____. MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais/Ciências Naturais**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. MEC/SEF. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: 1999.

_____. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, volume 2. Brasília: MEC/SEB, 2008.

DIAS, A.P.L.; BRAGA, F.C.N.M.; POLTRONIERE, F. **FO professor educador e as classes de EJA.** Samar, 2008. Disponível em: <<http://samarconsultoria.com.br/site/category/artigos/>> Acesso em 15/11/2014

FILGUEIRAS, C., A., L.. A Química no Brasil de hoje. **Química Nova.** Rio de Janeiro 22, outubro, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/qn/v22n1/1151.pdf> acessado em 15, agosto, 2014

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A.; GARCEZ, R. **A Escola como Organização Aprendente: buscando uma educação de qualidade.** 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta.** 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. 2008.

GIL, A.C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HADDAD, S. ; DI PIERRO, M.C.. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de educação.** São Paulo, mai-ago, número 14, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>> Acesso em 22/12/2014.

LIMA, J. O. G.. Perspectivas de novas metodologias no ensino de química. **Revista Espaço Acadêmico,** nº136, Setembro de 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15092/9741>> Acessado em 16/08/15

LAMBACH, M. Formação permanente de professores de química da EJA na perspectiva dialógico-problematizadora freireana. **Anais do 33° EDEQ,** 2013.

LOPES, S.P.; SOUSA, L.S. **EJA: Uma educação possível ou mera utopia?** Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf> Acesso em: 17 de Dez de 2015.

MARCONDES, M.E.R.. Proposições Metodológicas para o ensino de química: oficinas temáticas para a aprendizagem da ciência e o desenvolvimento da cidadania. **Revista em Em extensão,** Uberlândia, V. 7, 2008.

MENDES, R.M; AMARAL, F.A; SILVEIRA, H. E. O ensino de química na educação de jovens e adultos – um olhar para os sujeitos da aprendizagem. **Atas do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências,** 2011. ISBN:978-85-99681-02-2.

MENDES, S.R ; NEVES, P.A. ; SILVA, T.M. ; XAVIER, N.S. ; MORAIS,S.S.S.O ensino de química na modalidade EJA na escola estadual Jesus de Nazaré, no município de Macapá-ap.**Anais do 13° SIMPEQUI**,2015.ISBN 978-85-85905-14-9. Disponível em:<<http://www.abq.org.br/simpequi/2015/trabalhos/91/7155-20397.html>>Acesso em :02.12.2015

MOURA, T. M. M. **Os estudos e as pesquisas sobre a formação de professores para a educação de jovens e adultos: uma releitura do silêncio, dos vazios e das lacunas institucionais no Estado de Alagoas**. In: SOARES, L. Formação de educadores de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006,p. 160-186.

NARDI, R., ALMEIDA, M.. Formação da área de ensino de ciências: memórias de pesquisadores no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, América do Norte, 4, nov. 2011. Disponível em: <http://revistas.if.usp.br/rbpec/article/view/145/130>. Acesso em: 12/08/ 2014

NOÉ, A. A relação educação e sociedade: Os fatores sociais que intervêm no processo educativo. **Revista Avaliação**, Campinas: Vol: 5, n. 3, Set. 2000. Disponível em: [HTTP://www.antroposmoderno.com/antroposmoderno/articulo.php?id_articulo=243](http://www.antroposmoderno.com/antroposmoderno/articulo.php?id_articulo=243) . Acesso em: 12/11/2014

PEDROSO,S.G... Dificuldades Encontradas no Processo de Educação de Jovens e Adultos. In: **I Congresso Internacional da Cátedra Unesco de Educação de Jovens e Adultos**, 2010, João Pessoa. Jovens, Adultos e Idosos: os sujeitos da EJA. João Pessoa: EDITORA UNIVERSITÁRIA UFPB, 2010.Disponível em: <http://www.catedraunescoeja.org/GT05/COM/COM019.pdf> acessado em 30/02/2015

RIBAS,M.S.; SOARES, S. T. Formação de professores para atuar na educação de jovens e adultos: uma reflexão para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente.**IXAnped**,Sul,2012

RIBEIRO, M.T.D.; MELLO, I.C.M. Ensino de química na educação básica – EJA: algumas dificuldades. **Anais do XV Encontro Nacional de Ensino de Química (XV ENEQ)** – Brasília, DF, 2010.

STRELHOW, T.B.Breve história sobre a educação de Jovens e Adultos no Brasil.**RevistaHistedbr-line**,Campinas,n°38,p.49-59,junho de 2010.Disponível em:http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdfAcessado em :10/09/2014 ; 18/09/2014

SANTOS, I. M.; MASSENA, E. P.; SÁ, L. P.. O lugar da EJA na formação inicial de professores de Química da Bahia. **Atas do VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 2011. Disponível em:

<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0405-1.pdf>>. Acesso em: 11 de Agosto de 2014.

SOEK, A. M. (Org.). **Mediação Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos: Ciências Humanas**. Ed. Positivo. 1ª Ed. Curitiba, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p. ISBN 978-85-7780-655-3.

APÊNDICE



CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM QUÍMICA

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por finalidade a obtenção de informações, para serem analisadas e comentadas no trabalho de conclusão de curso (TCC) da aluna Quetura Catherine Dantas Moura Alcântara, do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). De acordo com o comitê de ética de pesquisa da UEPB, os nomes das pessoas envolvidas na pesquisa não serão divulgados.

1. Qual (is) a (as) maior (es) dificuldade (s) encontrada (s) pelo docente com relação ao ensino na EJA?

- a. Falta de formação nos cursos de licenciatura através de componentes curriculares que trabalhassem com o ensino para a EJA.
- b. Faixa etária de idade dos sujeitos
- c. Falta de espaço físico adequado ao trabalho com recursos didáticos que sejam favoráveis para conduzir a aprendizagem dos sujeitos.
- d. Carga horária reduzida para trabalhar muitos conteúdos.
- e. Ensino de química muito superficial, fragmentado o que pode não contribuir na formação dos sujeitos.

2. Como ocorre a relação professor-aluno no processo educacional da EJA?

3. A escola oferece condições para um trabalho diferenciado?

- a. Não. Pois além do espaço físico ser comprometido, não há recursos didáticos que facilitem na execução do trabalho e nem tanto formações continuadas para se trabalhar com essa modalidade
- b. Sim. A escola apresenta um espaço físico adequado, com recursos didáticos como: laboratório de química, biblioteca, sala de vídeo, laboratório de informática, além de formações continuadas para professores, o que facilita promover um ensino

de Química dentro da perspectiva de uma EJA.

c. Muito pouco. Os recursos não são suficientes para promover um Ensino da EJA numa perspectiva construtivista. Os materiais didáticos são limitados e pouco se tem formações continuadas.

4. A sua formação inicial lhe permitiu você se sentir preparado para trabalhar com essa modalidade de Ensino?

- a. Não. Essa abordagem não foi vista na graduação
- b. Sim. Este foi dado ênfase ao trabalho aEJA em alguma (s) disciplina (s)
- c. Muito pouco. O trabalho foi apenas citado em uma disciplina do Ensino Superior, o que não contribuiu para a entender a metodologia aplicada para essa modalidade de ensino.

5. Um dos objetivos da EJA é promover um ensino levando em consideração o contexto sociocultural dos alunos, valorizando os conhecimentos que os sujeitos trazem a partir de suas experiências de vida. Você enquanto professor consegue levar em consideração essa importância? Justifique

6. O ensino de Química é trabalhado numa perspectiva contextualizada?

- a. Sim
- b. Não

7. A diversificação das idades dos alunos em sala é considerada para você um dos fatores que dificultam um melhor aproveitamento do ensino? Por quê?

8. Os alunos conseguem assimilar e acompanhar bem os conteúdos estudados?

9. Aponte os pontos positivos e negativos ao se trabalhar com esta modalidade de ensino.

POSITIVOS:

NEGATIVOS: